
Das Redes para as Ruas

De las Redes a las Calles

From Network to the Streets

Recebido em: 28 jan. 2014

Aceito em: 27 abr. 2014

Liliane de Lucena ITO

Universidade Estadual Paulista (Bauru-SP, Brasil)

Mestre em Comunicação Midiática e graduada em jornalismo pela Unesp, onde atua como professora substituta. Atualmente, realiza pesquisas sobre comunicação e redes sociais na internet. Atua com jornalismo impresso de revista há 10 anos.

Contato: lilianedelucena@gmail.com

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 271 páginas. ISBN: 978-85-378-1110-8

É do movimento de fluxos da internet e de tecnologias de comunicação sem fio para a ação coletiva nos espaços públicos que se encontra uma terceira instância, nomeada por Manuel Castells em seu mais recente livro publicado, *Redes de Indignação e Esperança*, como espaço da autonomia. Nesse fenômeno híbrido entre o cibernético e o urbano, países do mundo inteiro têm assistido à busca da população por uma nova forma de gestão social, uma democracia deliberativa direta, baseada numa democracia em rede na qual a comunicação ocupa papel central.

A relevância das manifestações organizadas na internet estaria na transformação gradativa dos valores da sociedade, uma vez que nem sempre são programáticas ou atingem seus objetivos. Na visão do autor, os movimentos iniciados silenciosamente na web para depois ruidosamente ganharem as ruas contribuem para o estímulo do debate e da expressão sem censura dos sentimentos comuns do povo.

Entretanto, foi de exemplos de conquistas pontuais e concretas da população ante abusos de poder do governo que surgiu a inspiração para a onda de movimentos sociais que vêm ocorrendo em vários locais do mundo a partir de 2011. Tunísia e Islândia, apesar de suas disparidades culturais e econômicas, foram as primeiras nações a se levantar contra o governo e alcançar feitos históricos, como depor um ditador, no caso tunisiano, e livrar-se de políticas financeiras especulativas e seus efeitos perniciosos ao povo. Na época, a crise islandesa trouxe um prejuízo ao país equivalente a sete vezes o seu PIB. A revolta popular, coordenada em redes da internet, teve como um dos resultados a elaboração de uma nova constituição islandesa, com plena participação popular.

Em seguimento, outros países árabes e nações como Espanha, Estados Unidos e Brasil, cada qual em seu contexto, tornaram-se cenários para movimentos sociais de amplitude local e global, com o fato de terem em comum a organização ou fortalecimento por meio da internet e telefonia móvel de maneira multimodal (ou seja, via redes sociais, blogs, canais de vídeos e celulares).

É, portanto, o viés tecnológico que possibilita o sucesso de todas as manifestações sociais observadas por Castells e sua equipe de pesquisadores nestes casos específicos de protestos populares. A partir da Primavera Árabe, o mundo inteiro

pôde ter acesso à informação oriunda de múltiplas fontes, uma vez que a autocomunicação em massa – fenômeno em que qualquer pessoa tem o poder de publicar e ser visto/ouvido – garantiu uma produção de conteúdo livre de formatação ou do controle dos veículos oficiais – e por vezes tendenciosos – da mídia.

O ponto-chave para o sucesso desses movimentos sociais contemporâneos está, então, na comunicação descentralizada. Na Tunísia, a existência de uma cultura de internet, centrada em blogueiros e ciberativismo contra o regime, foi a pré-condição para as revoltas. Dentre os países árabes, a Tunísia tem uma das maiores taxas de penetração da internet e de celulares, bem como um dos maiores índices de desemprego entre a população jovem com curso superior. A internet e os celulares se tornaram, então, o canal necessário à população que, fadada a péssimas condições sociais, políticas e econômicas, represava sentimentos coletivos de humilhação e indignação. O estopim das revoltas, a autoimolação por fogo de um vendedor ambulante diante de um prédio do governo, tornou-se um viral da internet, mostrando ao mundo a situação do país. O vídeo do ato de desespero do cidadão tunisiano, cansado do confisco constante de sua barraca de verduras por parte da polícia corrupta, repercutiu internacionalmente. Acabou inspirando outros suicídios-protesto e revoltas nas ruas das províncias e capital da Tunísia, o que atraiu os olhos do mundo todo para a crise.

Castells defende que o compartilhamento de vídeos, textos e imagens na internet possibilita o *empoderamento* dos indivíduos de uma sociedade que, conectada, divide os mesmos anseios e que se vê, em coletivo, fortalecida. O autor explica esse sentimento de poder coletivo segundo a teoria da inteligência afetiva em comunicação política. Dentre as seis emoções humanas básicas identificadas por neuropsicólogos (medo, aversão, surpresa, tristeza, felicidade e raiva), o gatilho para a ação diante de uma injustiça será sempre a raiva. Em contrapartida, o sentimento natural e repressor da raiva é o medo; principalmente quando há histórico de repressão violenta ou outros tipos de sanção.

O medo bloqueia a ação, mas, tanto no caso da Tunísia quanto nos outros citados no livro, a autocomunicação em massa na internet possibilita a superação desse sentimento, uma vez que há uma identificação coletiva – o que leva ao surgimento de verdadeiras redes de indignação e esperança: “... os movimentos sociais muitas vezes são desencadeados por emoções derivadas de um evento significativo que ajuda os

manifestantes a superar o medo e desafiar os poderes constituídos (...).” (CASTELLS, 2013: 157-158).

A convergência de mídia também foi essencial na revolução tunisiana (e nas conseqüentes a ela). No caso da Tunísia, Castells cita uma “relação simbiótica entre jornalistas, cidadãos utilizando seus celulares para carregar imagens e informações no YouTube, e a Al Jazeera” (CASTELLS, 2013: 29). A emissora usava os feeds enviados por ativistas e retransmitia à população, burlando assim o controle da emissora oficial do governo. A Al Jazeera chegou a desenvolver um programa para que celulares pudessem se conectar a seu satélite de maneira descomplicada, sem a necessidade de dispositivos sofisticados, facilitando o envio de vídeos e relatos para compartilhamento.

Apesar da repressão violenta e do sangue derramado de milhares de manifestantes, o exemplo bem-sucedido da Tunísia, que pôs fim à ditadura de 26 anos de Ben Ali, inspirou outros países árabes a realizar levantes. Movimentos insurgentes no Egito, Líbia, Iêmen, Marrocos, Bahrein e Síria tiveram pontos em comum com a revolução tunisiana no que se refere à comunicação em rede, cada qual com contextos distintos e resultados também díspares (alguns ainda em franca ebulição).

Além das revoluções árabes, o autor destaca, em capítulos especiais, as semelhanças do que ele denomina como redes de indignação e esperança – daí o título de sua obra – em movimentos sociais de protesto em países como a Espanha, onde Castells se declara participante “marginal” do movimento Indignados de Barcelona; e os Estados Unidos, com o movimento Occupy Wall Street. Cada um deles traz, além de semelhanças, certas particularidades no que se refere, por exemplo, à plataforma comunicacional escolhida pelos ativistas – Facebook e Twitter no caso espanhol e Tumblr e Livestreams no norte-americano.

O livro conta com anexos importantes, como a cronologia completa dos movimentos e gráficos de pesquisas de opinião pública acerca dos protestos. Em posfácio redigido em julho de 2013 à edição brasileira, são comentadas as manifestações aqui ocorridas. O autor, que esteve no Brasil no mesmo ano para palestras, coincidentemente chegou a presenciar as marchas populares no centro de São Paulo. Apesar de breve, o posfácio inclui o país nos fenômenos sociais coordenados em rede: “Pois o que é irreversível no Brasil como no mundo é o *empoderamento* dos cidadãos, sua autonomia comunicativa e a consciência dos jovens de que tudo que sabemos do futuro é que eles o farão. Móbil-izados.” (CASTELLS, 2013: 182).